REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte,m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang.(união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 377

11 DE JUNHO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Nos primeiros dias d'este mez os lisboetas tiveram um maná, uma especie de sorte grande, um divertimento para as noites e demais a mais divertimento gratuito, que no fim de contas é para o povo o mais agradavel adjectivo que se póde pôr ao lado de qualquer espectaculo — a nova illuminação a gaz.

Ha que tempos que essa illuminação estava para vir, mas hoje, amanhã, hoje amanhã, demorou-se desde o principio do anno até ao primeiro de junho.

Mas, sim senhor, tardou mas arrecadou, honra lhe seja!

Fez umas entradas brilhantes a nova companhia do gaz e Deos queira que assim se conserve, e que, com estas entradas, um dia quando a posteridade lhe escrever a sua historia não tenha para isso que ir incommodar a sabedoria das nações.

A estreia da nova illuminação foi um verdadeiro acontecimento em Lisboa, e não podia deixar de ser assim, depois do que a nova companhia deu que fallar de si.

Eu não conheço empreza que tenha feito mais bulha em Lisboa do que esta.

Ha cêrca d'um anno que os lisboetas não tinham remedio senão pensar todos os dias, quasi que a todas as horas na nova companhia do gaz.

Por toda a parte para onde se voltava a gente não a via senão a ella.

Nos jornaes eram todos os dias noticias, na cidade em todas as ruas canos abertos. Durante um anno pouco mais ou menos o habitante de Lisboa andou a fazer equilibrios por cima de montes de terra a fazer gymnastica para entrar em casa, a tropeçar em pedras, a esbarrar em lanternas amortecidas annunciando ao transeunte que estava ali aberto um precipicio para as suas costellas e quasi sempre um abysmo para o seu nariz, e assim por força ou por vontade durante um anno o lisboeta não fez senão incommodar-se perpetuamente por causa da nova companhia do gaz.

E as obras não tinham fim, e o mau cheiro tambem não, e o publico reclamava, e os jornaes protestavam, e a camara municipal não fazia caso e assim se foram passando os dias, as semanas e os mezes.

Finalmente um bello dia annunciou-se que a canalisação estava prompta e que a nova companhia ia começar a illuminar a cidade.

E ainda assim, nem n'esses ultimos dias a nova companhia deixou de ser fallada.

Começou então uma preoccupação nova a espalhar-se no publico, suggerida pelas locaes d'alguns periodicos.

Aqui tinha havido um explosão por causa de infiltrações do novo gaz que não estava bem canalisado, ali tinha havido uns casos de asphixia em consequencia das mesmas infiltrações que mettendo-se nos canos de esgoto iam levar a morte canalisada a casa dos pacificos cidadãos: e Lisboa caminhava cheia de terror para a primeira noite de illuminação, noite para que os pessimistas faziam agourentas prophecias.

Depois vieram outros boatos mais tranquilisadores: Lisboa não estava precisamente sobre um vulcão, os factos apontados tinham sido apenas uns accidentes vulgares que de forma alguma, symptomatisavam uma catastrophe geral, mas a que Lisboa estava muito arriscada era na primeira noite da illuminação ficar ás escuras.

E então veio logo uma noticia de arromba, um réclame á americana.

Correu de bocca em bocca que a companhia velha preparava para a primeira noite da illuminação da companhia nova um golpe de mestre: accender todos os seus candieiros para desbancar os candieiros novos, para mostrar que tinha ainda melhor luz do que elles.

Ora esta especie de duello a bico de gaz que se annunciava para a noite de 1 de junho, foi a cupula do *reclame*, e por isso eu creio que n'essa noite não houve ninguem, que não sahisse á rua a vêr a nova illuminação, com mais empenho ainda com que em dias de festas extraordinarias vae á rua vêr as luminarias.

O tal duello não se realisou como era de esperar, e a companhia velha deixou os seus candieiros

BARÃO DE AGUIAR DE ANDRADE — NOVO MINISTRO DO BRAZIL EM LISBOA

(Segundo photographia)

apagados, e fez na realidade muitissimo bem.

Porque a verdade é que n'esse duello tinha tudo a perder.

Ou a sua luz era peior que a nova e fazia um fiasco enorme — bem lhe basta o que fez comparando-se a illuminação de Lisboa em 1 de junho com a de 31 de maio — ou era melhor ou pelo menos tão boa e então quem havia de ouvir o publico, e com razão ás carradas.

O emprezario d'um theatro de Lisboa despediu aqui ha annos um ensaiador que tinha, que era muito intelligente, mas que não fazia caso das peças e as ensaiava muito mal.

Depois de despedido esse ensaiador teve ainda que ensaiar uma peça nova, a ultima da sua gerencia, e então despicou-se: deu-lhe todo o seu cuidado, todo o seu zelo, toda a sua sciencia, e a peça fez sensação, — era perfeitamente um primor pelo apuro com que estava ensaiada.

O publico fez uma grande e justissima ovação ao ensaiador.

O emprezario que estava n'um camarote applaudi-o muito, mas no fim do acto foi lá dentro ao palco e mandou chamar o ensaiador ao seu gabinete.

O ensaiador entrou risonho e triumphante imaginando que o emprezario ia penitenciar-se de o ter despedido.

— Acabo de ver a peça, disse-lhe elle, está muito bem ensaiada.

O ensaiador ia a agradecer.

— Ouça. Fulano quando era commandante de navios teve a bordo, n'uma das viagens que fez para a Africa um cozinheiro que era preto.

Durante toda a viagem para lá e para cá, o preto fez-lhe uns jantares e uns almoços detestaveis, que ninguem podia comer.

Quando estava quasi a chegar a Lisboa, o commandante mandou dizer ao preto que tratasse da vida, porque estava despedido, apenas entrasse a barra.

O preto encheu-se de brios, e despeitado com essa ordem de despejo vae para a cozinha e faz um jantar delicioso.

Quando o jantar foi para a meza o commandante ficou profundamente surprehendido.

— Quem fez hoje o jantar?

— O preto!

— O preto? Vae lá chamal-o.

O preto veio.

— Quem fez o jantar hoje?

— Fui eu.

— Foste tu?

— Sim senhor.

— Palavra d'honra?

— Sim senhor, pode perguntar ao ajudante... que m'o viu fazer.

— Sim senhor, foi elle, certificou o ajudante.

— Bem disse o commandante.

E voltando-se para dois marinheiros, ordenou:

— Agarrem no preto e deem-lhe meia duzia de chibatadas.

— Mas fui eu que fiz o jantar, juro-lhe, gritou o preto afflicto.

— Pois é por isso mesmo. Eu imaginava que tu não fazias bem a comida porque não sabias, e por isso não te castigava, despedia-te; agora que sei que a não fazias bem porque não querias, muda a coisa de figura. Meia duzia de chibatadas.

E o emprezario sorrindo-se para o ensaiador, concluiu.

— Era isto o que eu, se a bordo d'este barco houvesse chibata, deveria mandar fazer ao meu amigo.

Creio perfeitamente desnecessario fazer a applicação do conto.

Pois como eu ia dizendo por todos estes motivos a começar pelo da curiosidade de ver a illuminação nova, de que uns diziam tanto bem e outros tanto mal, as ruas de Lisboa encheram-se de gente na noite de 1 de junho como se se tratasse de qualquer festa excepcional que mêttesse illuminações brilhantes, como o centenario de Camões ou o casamento do Principe Real.

E essa gente não deu por mal empregado o seu tempo porque de facto o aspecto das ruas principaes em Lisboa com a nova illuminação era e é inteiramente differente do que o era com a antiga.

As ruas do Ouro, da Prata, Augusta, Rua Nova do Carmo, Rua Nova do Almada e Chiado, que tem candieiros de typo grande, altos e elegantes e com um enorme foco de luz estão brilhantemente illuminadas, e com certeza se a empreza mantiver essa iluminação poderosa, Lisboa será uma das cidades mais bem illuminadas da Europa, ella que até aqui era das peiores, senão a peior.

A luz dos novos candieiros é intensa e de muito melhor qualidade do que a antiga — dizem os entendidos, que nós só o que percebemos é que realmente é muito melhor — mas o que está em alguns d'esses casos é mal distribuida.

Nas outras ruas da cidade, o typo da luz é outro, mas tambem muito superior ao da antiga companhia, d'uma superioridade que dá bem nas vistas, que se nota logo.

A illuminação da Avenida era a grande attracção e a grande novidade na noite, e era para ahi que toda a multidão se dirigia, a ponto de ser tão difficil atravessar a pé a Avenida como o é em dia de Batalha de Flores.

Ahi o gaz foi posto fora, e a illuminação é toda a luz electrica, jorrada de grandes candieiros de vidro branco basso, em forma de sacco de café, collocados em altos postes por toda a Avenida desde a rua do Principe até Valle de Pereiro.

O effeito é bonito, sobre tudo novo e original na nossa cidade, mas muito melhor seria se houvessem mais uns poucos de focos de luz, porque se ha pedaços da Avenida muito bem illuminados ha outros que estão quasi ás escuras, como por exemplo a entrada, vindo da rua do Principe.

Ao pé da luz branca de luar de Agosto que illumina agora a Avenida faz um effeito brilhante e festivo a luz avermelhada dos immensos bicos de gaz que illuminam profusamente o theatro da Rua dos Condes.

O aspecto d'esse theatrinho pequeno, elegante e muito bem illuminado é perfeitamente encantador e attrahente.

E não é só o seu aspecto que é attrahente, é tambem o espectaculo que lá se dá, a Revista do Anno de Sousa Bastos, que attrahe lá todas as noites uma concorrencia enorme, e que tem tido e está tendo um successo verdadeiramente excepcional na nossa terra.

O *Tim tim por tim tim*, assim se chama a Revista, tem 70 representações a seguir, apenas com a interrupção de um dia e essas 70 representações tem sido 70 enchentes á cunha, e enchêntes compostas da sociedade mais elegante de Lisboa.

Eu apezar de conhecer bem o talento de Sousa Bastos de ha muito *passée maitre*, n'este genero theatral, não comprehendia bem o *successo* enorme d'essa revista, nem acreditava muito n'ella. Imaginava que havia exaggeração n'ambas as coisas, tanto no bem que me disseram da revista como nas enchentes que mantinha.

E fui lá. Fui lá na recita 67 ou 68, e não havia um unico logar vago, e encontrei lá toda a gente que constitue o publico habitual da superior de S. Carlos.

E a revista era ouvida, applaudida e bisada com um agrado e com um enthusiasmo como se fosse uma *première*.

E vi a revista, e applaudi tambem e tambem bisei e sahi do theatro comprehendendo perfeitamente o grande successo que ella tem.

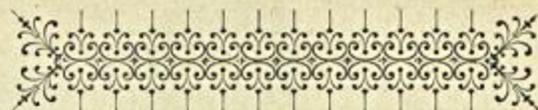
O *Tim tim por tim tim*, tem graça e tem espirito, mas sobre tudo a sua grande qualidade é ser muito variada, não ter massada nenhuma, e ter uma actriz como a Pepa, que sem ser a primeira actriz de Portugal, dá á revista um desempenho tão original, tão gracioso, tão picante, como estou certo que nenhuma outra actriz portugueza seria capaz de lhe dar.

E' uma especialidade em que não tem rival e que faz um verdadeiro encanto d'essa peça divertidissima.

E todos os principaes papeis da Revista são excellentemente desempenhados, com um *entrain*, uma vivacidade, uma verve pouco vulgar em theatros portuguezes.

Alfredo de Carvalho, é magnifico de boa graça portugueza; Sergio d'Almeida explendido no papel de Ulysses, o sr. Carlos Rocha é soberbo na sua imitação; Guilhermina Macedo e Laura Godinho compartilham largamente do *successo* da Revista, e ha muito tempo que não vejo peça nenhuma que seja tão divertida, tão variada, como o *Tim tim por tim tim*, que entretenha tanto, que tenha tanto que vêr.

E já que fallámos em theatro fecharemos a nossa chronica com uma boa noticia: Antonio Pedro, o grande actor comico que tão gravemente enfermo esteve, está sendo ás horas em que escrevemos victoriado no theatro do Principe Real pelo publico que o adora como uma das glorias mais resplandecentes do theatro contemporaneo.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

BARÃO DE AGUIAR DE ANDRADE

(NOVO MINISTRO DO BRAZIL EM LISBOA)

Chegou no dia 7 do corrente a Lisboa o sr. Barão de Aguiar de Andrade, novo ministro do governo brazileiro junto á côrte de Portugal, e que vem preencher a vaga deixada pela morte do sr. Barão de Carvalho Borges, occorrida em 13 de julho de 1888.

O illustre diplomata brazileiro é a segunda vez que desempenha as funcções de ministro plenipotenciario do Brazil em Lisboa, onde esteve desde 1881 a 1885.

E' longa a sua carreira diplomatica, pois em 1852 já desempenhava as funcções de addido á embaixada brazileira em Washington, sendo nomeado em 1856 secretario da mesma embaixada e desempenhado por algum tempo as funcções de representante do governo, na ausencia do embaixador barão do Penedo.

De Washington passou para Londres em 1861, na qualidade de primeiro secretario, e em 1863 foi transferido para a Venuzuela encarregado de negocios.

Esta rapida elevação aos mais altos cargos da diplomacia, provam a grande competencia do sr. barão de Aguiar de Andrade e a confiança do seu governo, para a difficil missão que lhe confiou.

Poucos annos depois da sua nomeação em Venuzuela, passou para o Chile, e em 1871, foi nomeado ministro residente e n'esta qualidade transferido para o Uruguay, em 1873.

Durante a guerra do Uruguay com o Brazil, o sr. Barão de Aguiar de Andrade atravessou esta difficil situação de modo superior a todo o elogio, prestando ao seu governo relevantes serviços, que lhe valeram a notoriedade que se fez em volta do seu nome como um dos mais distinctos diplomatas do Brazil.

O seu espirito elevado e fino conseguio para o Brazil uma paz vantajosa com a republica, e o governo tanto reconheceu os serviços que o illustre diplomata prestara ao seu paiz, que o distinguiu com o titulo de barão e o promoveu a ministro plenipotenciario, enviando o para a corte de Vienna d'Austria em 1878.

Foi da corte de Vienna que o sr. barão de Aguiar de Andrade veio para Lisboa, em 1881, occupar o logar que ficara vago pelo fallecimento do barão de Japurá, ministro plenipotenciario do Brazil n'esta capital.

Quando, em 1885, foi transferido de Lisboa, para os Estados-Unidos, por conveniencias do seu governo, deixou na nossa sociedade aristocrata as mais gratas lembranças, tanto pelos seus altos dotes de funccionario, como pelas suas qualidades pessoaes.

Hoje o illustre diplomata volta ao nosso paiz a desempenhar o elevado cargo de ministro plenipotenciario do Brazil, e deve ser recebido por Sua Magestade El-Rei D. Luiz, no dia 13 do corrente, no Paço da Ajuda.

O sr. Barão de Aguiar de Andrade veio de Paris no *Sud express* do dia 7, e no Entroncamento foi-lhe offerecido um almoço pela direcção da *Sociedade de Beneficencia Brazileira* e alguns dos seus amigos.

Na *gare* de Santa Apolonia foi esperado pelos srs. Conde da Penha Longa, Oliveira Lima, commendador Vieira da Silva, barão de Otanhaem, Francisco d'Almeida Bello, dr. May-Figueira, Coelho Gomes, José Martins, Bento de Andrade, Santos e Silva, Bandeira de Mello, conselheiro Mathias de Carvalho e todo o pessoal da legação do Brazil.

BARCELLOS

Paços dos Duques de Bragança

Quem visitar o pittoresco Minho não deve deixar de ir até Barcellos vêr a mais formosa villa d'esta provincia, edificada na margem direita do Cavado, nas aguas do qual a risonha povoação reflecte os seus edificios e monumentos do passado, que o tempo tem coberto d'eras como que a mascarar-lhe a ruina.

Entre esses monumentos ainda hoje avultam as ruinas dos paços dos duques de Bragança, que a nossa gravura reproduz de uma excellente photographia com que nos brindou o distincto photographo amador sr. Claro Outeiro, cujo bom gosto e arte com que escolhe os pontos de vista das

suas photographias, e a sua magnifica execução lhe dão foros de verdadeiro artista no genero.

Os paços dos duques de Bragança, foram mandados construir nos principios do seculo XV pelo primeiro duque d'este titulo, D. Affonso, filho natural de D. João I e genro de D. Nuno Alvares Pereira, oitavo conde de Barcellos, que deu este condado a D. Affonso.

Desde então ficou reunido o titulo de conde de Barcellos ao do duque de Bragança e assim se conservou até ao reinado de D. Sebastião, em que este principe deu o titulo de duque de Barcellos ao duque de Bragança o que se realisou em D. João filho do duque D. Theodosio, depois D. João IV primeiro rei da dynastia de Bragança, ficando assim os titulos de duque de Barcellos e duque de Bragança, pertencendo á familia real.

Os paços mandados construir por D. Affonso estão próximos á ponte que atravessa o Cavado, e que é ainda uma obra dos romanos que habitaram a peninsula.

Hoje esses paços acham-se em completa ruina e são apenas uma lembrança do primeiro solar dos duques de Bragança.

Erguendo-se em logar elevado dominam toda a povoação, e o panorama que se avista do alto das suas ruinas, é o mais encantador que se póde desfructar, sabendo-se o quanto é pittoresco Barcellos e seus contornos.

OBRAS DO PORTO DE LISBOA

Proseguimos hoje dando conta dos trabalhos feitos nas obras do porto de Lisboa, assumpto do maior interesse para a capital e para todo o paiz.

Vão decorridos vinte mezes desde que se principiaram as obras, e, comquanto não avulte ainda á vista o progresso d'essas obras, é comtudo certo que já muito trabalho se tem feito debaixo de agua e que só n'um determinado periodo poderá ser visto pelo publico e avaliada toda a sua importancia.

Entretanto já podemos dar á estampa uma parte importante dos trabalhos feitos, comprehendida entre o Caneiro de Alcantara (1) e a Cordoaria (3), na extensão de cerca de 2 kilometros.

Esta parte, assim como a que segue para diante da Cordoaria, é feita por conta da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, que a deu de empreitada ao sr. Hersent, empreiteiro das obras do porto de Lisboa.

A necessidade de concluir o caminho de ferro de Cascaes, tem feito concentrar mais a força dos trabalhos n'este ponto, avultando já consideravelmente os aterros como se vê na nossa gravura.

Estes terrenos conquistados ao Tejo pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, ficam sendo propriedade sua, segundo o contracto que fez com o governo, á excepção de uma faixa de terreno para uma avenida marginal em toda a extensão descripta e mais umas parcellas que ligam com as vias publicas estabelecidas nos antigos terrenos.

Os aterros a fazer entre o caneiro de Alcantara e a Cordoaria avançam sobre o rio cerca de 300 metros, abrindo uma doka de abrigo (2) em frente de Santo Amaro.

O caneiro de Alcantara já se acha coberto em toda a sua extensão e a draga (A) está trabalhando no prolongamento do leito do rio de Alcantara que tem de se estender por entre os terrenos conquistados ao Tejo.

Para esse fim ella cava na praia até á profundidade conveniente, por meio de um apparelho especial movido por uma poderosa machina motora. Este apparelho póde cavar até seis metros abaixo de zero, mas o seu trabalho varia conforme a natureza dos terrenos em que se empregar.

Os entulhos ou areias que esta draga tira do fundo do rio, são lançados em barcaças que os conduzem ao *Debarquement Flotant* que se vê á direita da gravura e de que já démos a descripção e gravura a pag. 91 e 96 do presente volume.

São cinco as dragas que estão empregadas n'esta parte das obras, variando os seus systemas de trabalho. Assim a draga *Aurore* de que publicámos a gravura a pag. 136 offerece novidade no modo porque funcciona.

Esta draga extrahe do fundo do rio as areias, sorvendo-as por meio de um tubo (A), em communicação com uma bomba aspirante, para um compartimento estanque ao fundo da barcaça.

Este tubo que na gravura se representa em posição horisontal ou de descanço, varia de posição até á vertical, conforme a fundura a que tem de ir buscar as areias, tendo 8 metros de comprimento.

Todo este systema é movido por uma grande machina a vapor, e quando o compartimento está cheio, a barcaça vae largar o seu conteudo no ponto que se quizer, abrindo alternadamente, para esse fim os alçapões B B B por onde cahem as areias, sem mais auxilio de outros apparelhos.

Um outro systema muito semilhante ao que acabamos de descrever, funcciona em outras dragas, como as que trabalham no ponto (2). Estas dragas servem tambem as areias do fundo do rio, mas lançam-n'as nos aterros, que já estão mais ao nivel das aguas, por meio de um tubo de comprimento variavel, conforme a distancia a que estão do ponto que se quer aterrar, chegando a 100 metros e mais.

Entretanto estas dragas não podem trabalhar muito distantes do ponto em que tem de fazer os aterros, como a draga *Aurore*.

Alem do trabalho das dragas, emprega-se no serviço de transporto de terra, pedras e mais material, um comboio permanente que conduz terra e pedra das predreiras de Alcantara, proximo ao Arco das Aguas Livres.

Este comboio compõe-se ordinariamente de 15 a 20 wagons carregados de material, fazendo repetidas carreiras durante o dia.

E' assim que esta parte das obras tem tido o desenvolvimento que se vê, e que promette dentro em pouco concluir os aterros em que se deve estabelecer o caminho de ferro de Cascaes.

JOÃO BONANÇA

(AUCTOR DA «HISTORIA DA LUZITANIA E DA IBERIA)

(Continuado do n.º 376)

Foi em 1872 que o nosso auctor começou o trabalho que actualmente se está publicando sob o titulo de *Historia da Luzitania e da Iberia* que tanto tem abalado o velho mundo da sciencia tradiccional. O maior elogio que se póde fazer, desde já, a este trabalho é que as suas theorias vão sendo acceites e perfilhadas nos trabalhos scientificos de maior voga no estrangeiro. N'este trabalho descreve-se a Luzitania e a Iberia desde os tempos primitivos ao estabelecimento definitivo do dominio romano. Quer dizer: Bonança termina o seu trabalho onde quasi todos os historiadores têem começado.

«N'esta obra», diz a *Revista Popular de Conhecimentos Uteis*, «que tem sido objecto de largas criticas nacionaes e estrangeiras, todos são concordes em reconhecer o methodo de escrever a historia original e inteiramente differente dos até aqui seguidos».

A uma raça oriunda das Hespanhas e repovoadora da Europa occidental attribue João Bonança, na obra a que nos referimos, a invenção dos caracteres chamados latinos e outr'ora usados pela Grecia, pelas nações do norte da Europa e povoações da Asia Menor, e ao presente em uso e vulgarisados nos povos da moderna civilisação. Estes caracteres, tidos como reproducção dos do grego archaico, são já hoje, após o trabalho de Bonança, considerados por alguns sabios estrangeiros como originaes da Peninsula hispanica, como por exemplo se vê no artigo publicado pelo academico allemão E. Hübner na *Deutsche Litteraturzeitung*, de Berlim, em uma larga referencia á Historia da Luzitania e da Iberia.[1]

N'esta obra monumental, nas quatrocentas paginas publicadas e conhecidas do publico, tratam-se questões scientificas de altissimo valor, taes como: a da constituição chronologica dos continentes; a da formação das montanhas que o auctor demonstra não se terem constituido por ejecções vomitadas do amago da Terra ou do seio dos mares, como hypotheticamente pretendem os geologos, mas por causas mechanicas, organicas, lentas e demoradas; — a das origens da civilisação moderna até agora attribuidas a elementos muito diversos; — a das origens da vida no Globo, expostas e explicadas por numerosissimos factos que deitam por terra inteiramente o tão fallado systema de transformação, ainda em nossos dias defendido com ardor por alguns homens de sciencia; — e muitas outras questões palpitantes.

Espera-se portanto com viva impaciencia ver como o auctor, agora nos fins do seu primeiro volume, termina a sua these tão brilhante quanto arrojada da origem das raças e das linguas europeas, e como trata a questão ainda tão nebulosa dos phenomenos da era glaciaria.

O primeiro volume da *Historia da Luzitania e da Iberia*, depois de completo, será por certo o que pela grandeza dos assumptos, a par da extrema originalidade com que elles são tratados, a critica elevada e imparcial ha de alevantar sobre todos os outros.

Entretanto as attenções dos que cultivam unicamente as lettras, estão viradas para a decifração das legendas e inscripções luzibericas que serão objecto do 2.º volume d'esta obra. A curiosidade justifica-se pela difficuldade da solução de um problema, ha tres seculos, inutilmente tentado por homens de verdadeiro talento dos quaes alguns teem perdido a luz da intelligencia n'esse trabalho que parece causar o desespero e a vertigem...

* * *

O jornalismo portuguez, e prestâmos justiça a quem de direito a conquistou, tem como que entretecido uma corôa triumphal a esse homem que, desde a sua apparição no mundo, em 17 de abril de 1838, pareceu destinado a uma esphera superior.

Ao acaso tomamos excerptos de alguns dos mais conceituados periodicos do reino:

Do Commercio e Industria. — «PORTUGAL GLORIFICADO — Historia da Luzitania e da Iberia — «... Pelo que deixamos apontado pode o leitor fazer ideia de como o auctor vae passo a passo radicando a fama gloriosa do seu nome, dando-nos um livro em tudo correspondente á espectativa conferida a quem durante tantos annos e com tão porfiado trabalho estudou profunda e scientificamente os assumptos....»

N'outro periodico auctorisado:

«... Não nos antecipemos ao programma, que de tão grande que parecera se vae tornando reduzido perante a obra. Grandes e fundamentaes theorias n'esta contidas nem sequer são annunciadas n'elle.... O auctor da nova *Historia* funda os processos de sciencias novas, sem os quaes jámais se escreverá a historia d'ora avante.»

Outro jornal referindo-se a um dos ultimos fasciculos publicados da *Historia da Luzitania e da Iberia*, de Bonança, diz — «... esta monumental obra devida ao talento e profundo estudo e erudição de João Bonança, a nossa mais indiscutivel gloria scientifica contemporanea.»

Mais citações poderiamos fazer, mas é enumera a quantidade, e o conhecimento que o publico tem da obra e do nosso biographado dispensa-nos bem de tal encargo.

Não sabemos se essa especie de aureola atirada sobre o nome prestigioso de João Bonança é a representação da gloria.

Não é de invejar essa gloria conseguida á custa de tão porfiado e improbo trabalho e que não vêmos dourada pelas recompensas materiaes que seduzem o mundo das realidades.

Está terminado o nosso trabalho.

Até aqui, temos o grande e glorioso historiador. Agora a respeito do homem, poucas palavras temos a dizer; por isso que todos conhecem o generoso coração de Bonança, a sua nobre alma sempre aberta a todas as abenegações desprezando benesses e esquecendo aggravos. Finalmente o caracter de João Bonança pode resumir-se n'uma phrase: — todo o trabalhador honrado tem n'elle um prestimoso amigo, um verdadeiro protector.

Mario

[1] Traducção publicada no *Commercio de Portugal* de 8 de agosto de 1888.

EDUARDO COELHO

Labore omni vincit improbus

(Concluido do n.º 376)

O nosso collega *O Seculo* disse justissimamente:

«O trabalho foi o seu principal brazão. No trabalho e na familia esteiou elle sempre toda a sua honrada existencia.

«Tinha pelo principio da associação o culto de fanatico. O *Gremio Popular* ahi está para o attestar, e mais do que aquella agremiação pode fallar a *Associação dos jornalistas*, um dos seus ideaes mais queridos e onde elle dispendeu, do seu bolso, para cima de 1:000$000 réis.

Ainda ha pouco elle tinha sido alvo de uma respeitosa ovação, na occasião em que, no theatro de D. Maria, a *Associação Typographica*, de que elle foi presidente durante muitos annos, realisava a sua festa annual.»

O nosso antigo amigo e collega Magalhães Lima, como testemunha occular accrescenta:

«O auctor d'estas linhas foi seu companheiro na commissão do tri-centenario de Camões. Conserva d'esse tempo, de boa e excellente camaradagem, a mais saudosa recordação. Eduardo Coe-

lho foi um dos elementos, que mais concorreu para essa gloriosa commemoração, pondo a sua bolsa, o seu jornal, a sua actividade, a sua intelligencia e o seu desinteresse, á disposição dos promotores d'essa brilhantissima festa patriotica. A elle e ao *Diario de Noticias* se deve uma boa parte do exito que teve aquella solemnidade nacional.»

Ali ficam exarados alguns dos factos de que o nosso querido mestre foi factor activissimo.

Mas a sua obra monumental foi a creação do *Diario de Noticias* que foi fundado por elle e pelo sr. visconde de S. Marçal, a 29 de dezembro de 1869. «Thomaz Antunes, diz Eduardo Coelho, no artigo biographico, que do illustrado industrial escreveu na *Encyclopedia das Encyclopedias* — Diccionario Universal Portuguez—Vol. 1.º — pag. 891, — tem vivido relacionando com os mais notaveis escriptores, jornalistas e homens politicos, conservando a estima de todos elles e é por isso

BARCELLOS — Paços dos Duques de Bragança

(Segundo photographia do photographo amador sr. Claro Outeiro)

um dos homens, que mais intimamente conhecem muitos factos interessantes e ineditos da politica e da litteratura dos ultimos annos. E' um caracter franco, leal, um espirito culto, devotado a todos os progressos, e firme nos principios liberaes, em que foi educado no meio familiar e social.» Mais tarde quando o illustre companheiro de Eduardo Coelho foi justissimamente agraciado com o titulo de Visconde, Eduardo Coelho escreveu a biographia do seu lealissimo amigo para acompanhar o retrato publicado no *Diario Illustrado*.

Ao caracter opulentissimo de excellentes qualidades do sr. visconde de S. Marçal deve tambem a sua prosperidade o *Diario de Noticias*, nos 25 annos de inalteravel e amicissima camaradagem entre os dois proprietarios.

Continuando a servirmo-n'os do testemunho dos collegas, citaremos ainda a phrase auctorisada de alguns, com respeito á fundação do *Diario de Noticias* e do seu redactor principal.

Disse o nosso collega *O Tempo*:

«Eduardo Coelho foi uma das physionomias mais conhecidas da imprensa portugueza, onde deixa um nome e uma tradição de probidade e cavalheirismo. Lançado no jornalismo quotidiano pela sua empreza, hoje florescentissima, do *Diario de Noticias*, esse homem intelligente e emprehendedor, cuja perda todos nós deploramos hoje, não soube attrahir sobre a sua personalidade senão a estima, a consideração e o respeito.

«A sua obra de jornal, não será discutida nem commentada depois da sua morte. Passará como a obra ephemera de todos os jornalistas, mas não despertará na memoria dos que a relembrarem, uma unica amargura, um unico despeito. Eduardo Coelho conseguiu pisar este terreno resvaladiço da imprensa sem maguar vaidades, sem ferir interesses, sem provocar sequer as rivalidades frequentes do *metier*, pondo no commentario dos homens e dos acontecimentos que vio, uma nota de benignidade que, no meio combatente do jornalismo portuguez, o tornou extraordinariamente sympathico.

«Jornalista, foi dos poucos que entre nós ainda fizeram o jornal pelo jornal, dedicando-lhe todo o seu esforço, toda a sua iniciativa e intelligencia. Foi elle que implantou em Lisboa o periodico de dez réis, fundando com o sr. Thomaz Quintino Antunes, hoje Visconde de S. Marçal, n'um velho predio da rua dos Calafates, o *Diario de Noticias*, que por ultimo passou a dar o nome á rua.»

(Continúa) *João de Mendonça.*

GARIBALDI

(Continuado do n.º 376)

Abramos como que um parenthesis na serie dos factos historicos que estamos desenrolando aos olhos dos leitores e a que o notavel caudilho vinculou o seu nome, e entrelacemos aos dados biographicos do revolucionario audacioso o bosquejo dos seus romances de coração, que tambem os teve Garibaldi, como os teve Camões, como os teve Tasso, como os teve Petrarcha, como emfim os têem todos os poetas, porque Garibaldi tambem foi poeta inspirado nos soffrimentos da sua patria escravisada.

No começo ainda da sua adolescencia Garibaldi teve, como já dissemos, por companheiro no trafico da pesca, em que praticou a sua carreira maritima, um patriota hespanhol que vivia com sua filha d'esse mister, ajudando a atar a rede aos *sardinheiros*, sempre que a *Santa Maria di gl'Angeli*, barco onde Garibaldi estava assoldadado, vinha abordar ao cabo de Agda, ou á foz do Arauto, perto do forte Brescou que está edificado em pleno Mediterraneo.

Beppa a filha do alludido patriota era uma encantadora rapariguinha de 15 annos e Garibaldi então pela mesma idade, affeiçoara-se-lhe de forma que os dois acabaram por se amar.

Tres annos duraram estes amores chegando a assentar se entre o pae de Beppa e Garibaldi o dia do casamento, porém um desgraçado incidente veiu cortar de vez os laços d'esta adoravel affeição.

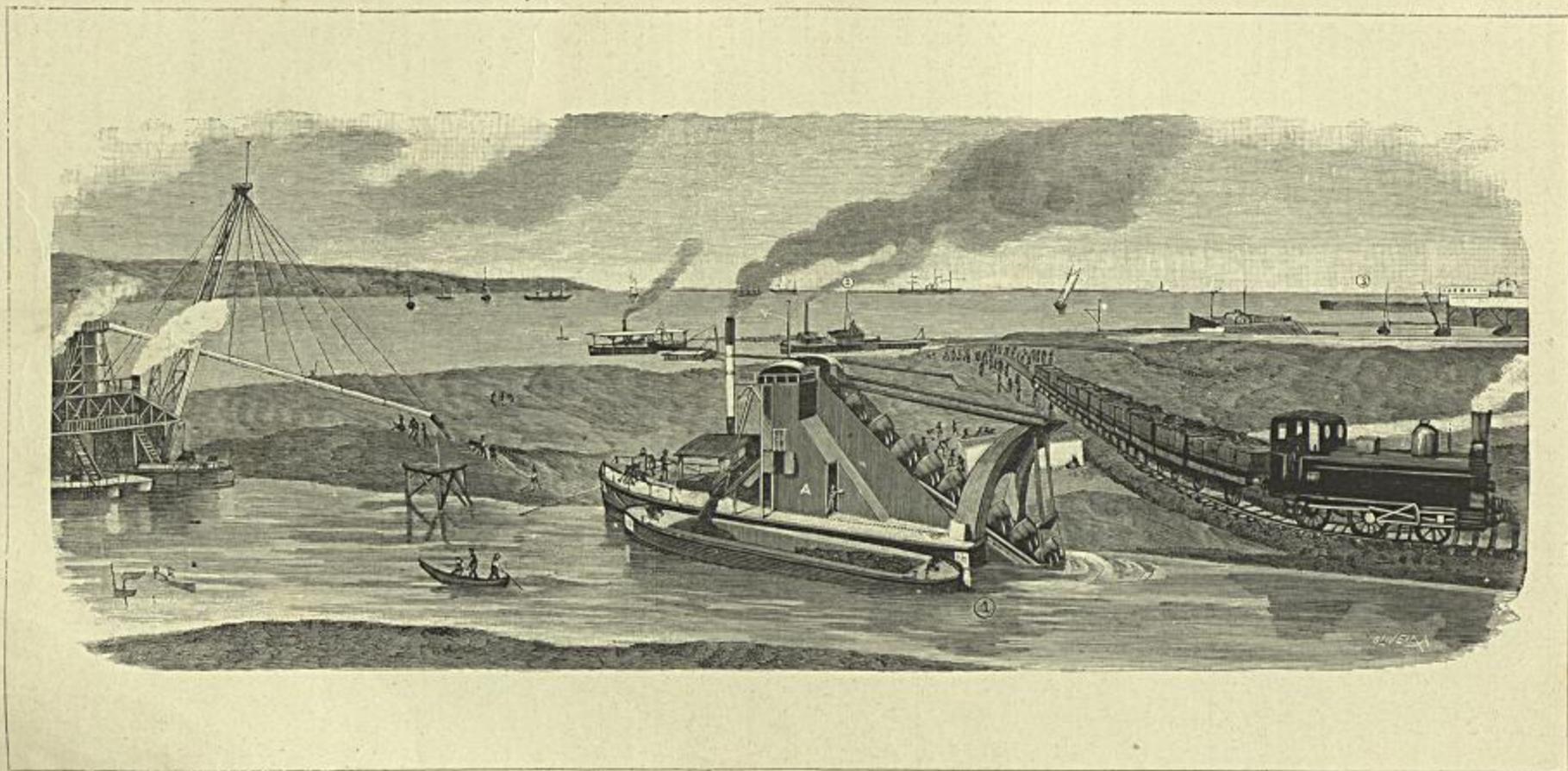
Uma tarde em que a noiva de Garibaldi na companhia de seu pae tinham ido n'uma canôa de pesca apanhar marisco ás rochas d'um baixo de bassalto, a atmosphera até ali serena toldou-se repentinamente e o vento fresco encapelando a vaga, poz os dois pescadores em lucta com a morte.

A canôa impellida pela força das ondas desconjuntou-se e desfez-se em poucos momentos de encontro aos recifes e Garibaldi acudindo aos gritos de soccorro da sua Beppa só chegou a tempo de salvar o auctor d'aquella existencia que as ondas arrebataram na sua voragem e que nunca mais restituiriam ávidas d'aquelle thesouro precioso.

* * *

Da segunda aventura amorosa de Garibaldi foi protogonista a filha do conde de Ramberg.

Depois de ter abortado a conspiração em Genova, a que já nos referimos, e na qual Garibaldi fôra escolhido para aprisionar a equipagem da *Genio* e pol-a á disposição dos republicanos, seguiu-se uma perseguição terrivel. e Garibaldi depois de ter estado occulto em Genova saiu d'ali em fevereiro de 1834 disposto a passar á França, porém sabendo que na alta Italia se organisava um movimento contra a Austria poz se ao lado dos seus irmãos de armas, valendo-lhe o refugiar-se na *Montanha Negra* para escapar de ser fuzi-

OBRAS DO PORTO DE LISBOA

ESTADO DAS OBRAS ENTRE O CANEIRO DE ALCANTARA E A CORDOARIA

(Desenho do natural por L. Freire)

lado ás mãos dos traidores que tinham feito a denuncia da sua presença em Nice.

Obrigado de novo a recorrer a um nome supposto achou generosa e franca hospitalidade no palacio de Ramberg, no qual o conde d'este titulo condoido da sua apparencia miseravel, e notando-lhe ao mesmo tempo a intelligencia distincta e o porte cavalheiroso, o encarregou da educação de seu filho.

Garibaldi além de ter uma educação cuidada, como dissemos, pudera durante as suas viagens aperfeiçoal a a ponto de ser muito considerado pelo corpo de commercio pela illustração que demonstrava nos variados assumptos sobre que o consultavam.

Tendo já no rosto impressos os sulcos do soffrimento moral e physico, a um tempo triste e melancholico, affavel e expressivo tal era Garibaldi aos 27 annos.

Cuneo na sua biographia de *Giuseppe Garibaldi* retrata-o por esta forma.

Estatura mediana, peito e hombros largos moldes de ferro, forte e agil eis o que é Garibaldi. Testa larga, feições regulares, longos cabellos confundindo-se com a sua grande barba loura. Expressão de olhar pensativo, porém olhos vivos e penetrantes.

Installado no palacio de Ramberg, Garibaldi poude certificar-se de que a vegetação que rodeava a sua nova morada estava em perfeita harmonia com a sua tristissima situação.

Effectivamente o nome de *Montanha Negra* basta para nos dar uma idéa do que seriam aquellas paragens.

Uma cordilheira de montes aridos, espessos pinheiraes, planicies vastas cobertas de sarça, e apenas alguns bocados cultivados pela mão do agricultor, e um lago que a diversidade de correntes tornava innavegavel, eis o que a natureza talhara de molde para offerecer áquella alma vulcanica a que os desenganos longe de fazerem nascer o desalento avigoravam o germen da resistencia e da obstinação.

Porém estava determinado que a sympathia por Garibaldi experimentada pelo conde de Ramberg vencesse de surpreza o coração de sua filha.

O discipulo de Garibaldi tinha uma irmã que podia tomar-se por uma d'essas creações germanicas a que a imaginação phantasista dos vinte annos se prende inevitavelmente.

A habitual tristeza do proscripto fizera vibrar uma fibra até ali insensivel no coração de Margarida. Ella que se mostrara indifferente aos requestros dos felizes e dos orgulhosos que lhe rendiam o culto da adoração, experimentava uma sensação inexplicavel e estremecia involuntariamente sempre que os seus olhares se encontravam com os de Garibaldi.

Este pelo seu lado parecia fugir da convivencia do conde e de sua filha, e sempre que os deveres do seu cargo lhe deixavam algumas horas livres procurava isolar-se nos pontos mais aridos da *Montanha Negra*, gastando a inergia que n'elle se desenvolvia escalando as rochas e trepando ao cume das cordilheiras ou arrojando se de remo em punho para o meio do lago quando as tempestades o convertiam em perigoso e encapelado oceano.

Outras vezes montava o cavallo mais indomito, tirado ao acaso das importantes caudelarias do conde, galopava sem cessar até á aldêa mais proxima das fronteiras italianas, informava-se pelos viajantes dos movimentos politicos para além dos Appeninos e voltava de novo ao seu mysterioso asylo.

Absorvido n'esta especie de vida contemplativa nem sequer media os perigos a que se arriscava; e no emtanto alguem espionava os seus passos com o peito oppresso, temendo por elle, velando pela sua existencia com a mais carinhosa e pura das affeições.

Estivera um dia de medonho temporal e Garibaldi no mais desencadeado da tormenta mettera-se no lanchão em que costumava passear no lago. Esta imprudencia fôra presenceada por Margarida que em silencio devorou a dôr de o ver partir.

Para ella desde aquelle momento ficara-lhe a certeza dilacerante de que nunca mais tornaria a ver aquelle homem extraordinario.

A morte de Garibaldi devia ser inevitavel. Porém ainda d'esta vez os presentimentos de Margarida não se realisaram.

Garibaldi saltou em terra tão sereno como embarcara, porém ao caminhar alguns passos viu fluctuar sobre um ramo de silvas, á mercê do vento, uma mantilha de rendas pretas que reconheceu ser de Margarida.

Em breve teve a certeza de que se não tinha enganado.

Defronte do lago e no espaço occupado por um arco de pedra havia uma pequena capella que servia de abrigo a uma imagem da virgem. N'essa capella estava uma mulher ajoelhada orando tão fervorosamente que parecia alheia a tudo o que se passava ao redor de si.

Garibaldi por um movimento espontaneo descobriu-se respeitosamente e ficou immovel.

Margarida terminada a sua oração levantou-se e deu um grito de surpreza ao dar subitamente com aquella inesperada testemunha!

— Senhor...

— Nada tema, sou eu, o perceptor de seu irmão.

Margarida não respondeu, porém apressou-se a enchugar as lagrimas que lhe brotavam os olhos, ao mesmo tempo que o peito se lhe dilatava n'um profundo suspiro consolador, que veiu expirar nos labios desfranzindo-se n'um meio sorriso.

E depois fitando Garibaldi e apoiando-se-lhe no hombro.

— Quem havia de dizer que estava tão perto de mim.

— Por quem rezava com tanto fervor, minha senhora?

O rosto de Margarida pallido como as rosas dos Alpes tingiu-se de vivissimo carmim, e procurando evitar o olhar prescrutador de Garibaldi, disse-lhe com evidente embaraço.

— Por quem resava? Por todos nós... Todos precisamos de elevar até Deus as preces da nossa alma.

— Oh! mas assim, com este tempo; debaixo de tão horrenda tempestade... Veja minha senhora que até o arco da *Madona* lhe resguardou tão mal o vestido que o tem molhado da chuva.

— Não importa, mais ensopado está o seu fato e vejo que se não queixa.

— Ah! eu e o perigo conhecemo-nos bem. Somos antigos inimigos, e os dias mais felizes são aquelles em que medimos as nossas forças. Que pode temer da morte quem na vida não tem um só ente querido que o pranteie?

— Não tem pae nem mãe? Perguntou Margarida com angelical expressão. N'esse caso deve viver bem infeliz?

Garibaldi meneou lentamente a cabeça, e sem responder á pergunta de Margarida tornou a repetir a sua.

— Por quem rezava?

Margarida baixou de novo a cabeça e não respondeu. O proscripto olhou o ceu para interrogal-o, depois acrescentou comsigo:

— Não é possivel!

Margarida ouviu esta expressão de duvida e fitou Garibaldi convulsa e com os olhos humedecidos.

— Hão de ser bem felizes senhora, aquelles a quem servir de interprete para com Deus.

— Não, não são felizes, o senhor o confessou ha pouco, pois por si, por si só eu rezava á Virgem.

— Por mim! .. exclamou Garibaldi com efusão apertando Margarida contra seu peito.

*

* *

Duraram alguns mezes estas intimas relações que a convivencia se encarregou de estreitar mais cada dia que ia decorrendo.

O proscripto tinha encontrado um oasis no deserto do seu desterro e a formosa filha do conde de Ramberg achara em Garibaldi um amante dedicadamente apaixonado.

Na convicção de que este amor devia occupar a sua vida inteira pouco importavam a Margarida e a Garibaldi as leis do mundo, porém d'este descuido funesto deviam nascer para os dois amantes as mais terriveis provações.

O conde de Ramberg era homem de principios severos a quem jamais tinha assaltado a idea de que os seus pergaminhos, que datavam das cruzadas, podessem ser manchados com uma alliança menos digna do seu nome e da sua gerarchia. Confiando a Margarida a defeza da sua propria honra desde a morte da condessa, dava-lhe plena liberdade de acção, certo de que ella havia de ser tão melindrosa na escolha de um marido, como elle seria meticuloso na sua approvação.

Pode suppôr-se por isto que abalo extraordinario produziu no conde surprehendendo, Garibaldi nos aposentos de sua filha, ajoelhado a seus pés em amoroso e intimo colloquio

O que se passou na alma do conde foi como que o choque produzido por uma corrente electrica.

Desfigurado pela colera ia para descarregar os punhos fechados sobre Margarida, quando Garibaldi erguendo-se subitamente e cobrindo-a com o seu corpo tomou uma attitude respeitosa.

— Senhor conde tenho a honra de pedir-lhe a mão de sua filha.

— A mão de minha filha? E repellindo bruscamente Garibaldi fustigou-o na face com o chicote.

D'um salto o amante de Margarida arma-se com o punhal e dispunha-se a ferir Ramberg, quando sua filha interpondo o peito entre o pae e o braço de Garibaldi, obriga este a recuar aterrado da feia acção que ia praticar.

Atira o ferro para longe e fitando o conde.

— Acabou senhor de me tratar como um cão ou como um escravo. Sou um homem, e apezar d'isso inclino-me submisso ante o insulto porque me deu um asylo na desgraça e comprehendo toda a leviandade do meu procedimento. A offensa que me fez merecia a morte, mas como é o pae da mulher que amo não quero deixar esta casa sem lhe offerecer a reparação que lhe devo. Pela segunda vez tenho a honra de pedir-lhe a mão de sua filha.

— Saia! exclamou o conde desorientado, brandindo de novo o chicote.

— Sairei, tornou-lhe Garibaldi com fria placidez, mas a filha do conde de Ramberg ha de ser minha mulher!

(Continúa) *Julio Rocha*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVI

Depois d'almoçar o Quim foi para a sua companhia de seguros mas tendo o cuidado de procurar as ruas menos concorridas, e sempre de olho atraz olho adiante não fosse esbarrar com o Dominguinhos que lhe fizesse alguma desfeita.

O dia passou-se sem novidade, e quando chegou a casa para jantar o Quim ficou muito admirado ao ouvir sua irmã dizer-lhe:

— Bravo, Quim! então as coisas vão muito adiantadas, muito mais adiantadas que eu pensava.

— Quaes coisas?

— Então agora parece que é de vez, que é a serio?

— Que é a serio, o que?

— Tambem tantas vezes vae o cantaro á fonte.

— Qual cantaro? perguntou o Quim já muito nervoso sem perceber nada d'aquella lengalenga.

— E tu fazes bem; tambem já estás em edade de tomar assento.

— Mas juro-te que não percebo uma palavra do que me estás a dizer; para mim tudo isso é chinez.

— Ora adeus! faze-te de novas.

— Não me faço de novas nem de velhas, não percebo nada.

— E agora já percebes? disse-lhe triumphantemente a Ermelinhas, apresentando-lhe uma carta fechada.

O Quim empallidecera: tinha já um medo de cartas que se pellava.

— O que vem a ser isso?

— Não sabes de quem é esta carta?

— Não.

— Não a esperavas?

— Eu não.

— Mentiroso!

— Palavra d'honra que não, tornou o Quim formalisado.

— E não conheces a lettra?

O Quim pegou na carta e olhou para o sobrescripto.

— É lettra de mulher! disse elle mais socegado

— E de que mulher?

— Eu sei lá...

— Então não conheces a caligraphia da menina Alice?

— É da Alice esta carta?

— Ai! Ai! Ai! que estás a caçoar comigo. É bom ser discreto, mas não tanto, sobre tudo para com sua irmã! reprehendeu suavemente e em tom de brincadeira a Ermelinhas.

— E tu a dar-lhes! Como havia eu de conhecer a lettra da Alice se nunca a vi, se é hoje a primeira vez que ella me escreve.

— Tambem não admira, o namoro ainda não tem 48 horas de começado!

— Mas que demonio me dirá ella! murmurou o Quim intrigado, abrindo a carta: ella não ficou de me escrever.

E passando os olhos pela carta, o Quim exclamou espantado.

— Mas o que quer dizer isto!

— O que?

— O que ella me manda dizer!

— O que é?

— Ouve lá.

E o irmão da Ermelinhas leu muito admirado, como se cada vez percebesse menos o que aquellas palavras queriam dizer:

«Bravo! É um heroe! Não esperava menos do senhor! Realisa o meu ideal em toda a sua grandeza! Admiro-o e sinto-me orgulhosa em o amar! Deus vae comsigo!»

A Ermilinhas ouviu e olhou muito admirada tambem para seu irmão.

— Percebes? perguntou-lhe elle.

— Nada.

— Nem eu!

— Mas onde vaes tu?

— Não vou a parte nenhuma.

— Isso será a respeito d'alguma conversa que vocês tiveram em casa do Leitão?

— Não póde ser: eu não fallei em ir a parte alguma...

— Será isso cifra?

— Cifra?

— Sim, combinaram alguma linguagem convencional para se entenderem sem ninguem os perceber?

— Eu não! combinei lá linguagens convencionaes.

— Mas isso por força quer dizer alguma coisa! commentou a Ermelinhas.

— Só se ella perdeu o juizo, lembrou muito a serio o Quim, como unica explicação plausivel d'aquella carta enigmatica.

— Qual historia! E tu agora o que fazes?

— Eu não faço nada,

— Não lhe respondes?

— Eu sei lá o que lhe hei-de responder! Que resposta se hade dar a uma cousa d'estas! tornou o Quim deveras intrigadissimo com aquella carta.

— Queres uma coisa?

— O que é?

— Eu vou a casa da Alice saber a explicação do enigma!

— Sim é a unica cousa sensata que ha a fazer, lembras bem.

— Pois então, vamos jantar depressa, que é para eu depois ter tempo de lá chegar ainda de dia.

— Vamos lá

E os dois foram para a mesa.

No meio do jantar interrompeu-os uma forte campainhada tocada á porta.

Era outra carta para o sr. Joaquim Barradas.

A Ermelinhas que foi quem se levantou da mesa para abrir a porta e quem recebeu a carta, voltou com ella para a casa de jantar muito contente.

— Agora é que se vae saber tudo.

— Como!

— Por esta carta.

— De quem é a carta?

— É da Alice.

— Outra carta!

— Sim. Lê depressa, agora vamos ter a explicação.

O Quim abriu a carta ancioso.

Léu-a e se espantado estava mais espantado ficou.

— Então! perguntou-lhe a irmã.

— Cada vez percebo menos. Lê.

E passou-lhe a carta.

A Ermelinhas léu:

Dizia assim essa segunda carta.

«Tem-se dado dentro de mim uma lucta medonha. A mulher venceu a heroina.

Não vá: Peço-lhe pelo nosso amor.»

Alice

— Não vás aonde!

— Eu sei lá! Agora é que me convenço de todo que a pequena não está boa de cabeça.

— Effectivamente. .tudo isto é muito extraordinario... «A mulher venceu a heroina!»

Qual heroina!

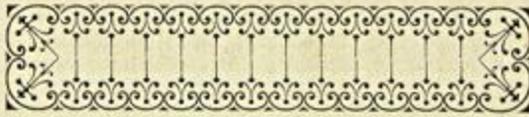
— Tu conheces bem a lettra d'ella? não seja isto troça de alguem, da Ignacinha por exemplo...

— É a letra d'ella, com certeza.

— Então está alienada.

— Vou já saber tudo isso: agora estou morta de curiosidade, disse a Ermelinhas.

E pondo o chapeu sahiu muito apressada para ir a casa da Alice.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

NOVIDADES DA SCIENCIA

Os vidros de côr na photographia — As investigações de M. Lippymann para obter photographias tendo os valores justos e exactos de luz despertaram alguns ensaios infructuosos a M. Delouriez para obter photographias em côres naturaes exactas pela acção da luz do sol servindo-se simultaneamente de tres vidros: um vermelho, outro amarello e o ultimo azul, isto é, as tres côres primitivas que formam a côr branca. Era a base dos seus trabalhos que, naturalmente, se ligavam a outros detalhes muito longos que omittimos.

N'essas experiencias o illustre chymico notou que a luz atravessando um vidro de côr alaranjada dava uma egualdade de acção photogenica para os objectos a reproduzir, não importa de que côr. A differença de intensidade luminosa real dava a imagem de valores justos de sombra e de luz.

Quando o vidro alaranjado era muito encorpado ou extremamente delgado, muito carregado na côr ou demasiadamente claro a acção era imperfeita pois que ou não passava bem a luz, ou o fazia por demais ficando mais clara do que era preciso; então d'essa maneira ella dava o azul, que é activo.

E' portanto ao accaso por meio de muitas observações, que se podem obter os resultados perfeitos, mas uma vez obtidos poder-se-hão fabricar vidros especiaes que darão sempre boas photographias. Bastará collocar um vidro de espessura conveniente ante a objectiva ou do orificio sem objectiva em uma camara escura para se obter o resultado que se procura.

Sabe-se que a photographia actual tem um grave defeito; fornece imagens em que os valores são mal expressos e de alguma sorte alterados; o azul que é a mais sombria das côres, apparece em branco, o amarello e o verde, o vermelho tornam-se em negro. De sorte que n'uma photographia não apparece claro senão o azul que se torna em branco e este porque contém o azul. As outras côres não apparecem senão em razão da mais ou menos quantidade de azul que possam conter e a razão é porque a placa é muito sensivel aos raios azues e muito pouco aos das outras côres.

Busca-se ha muito tempo em modificar as camadas impressionaveis de maneira a tornal-as, se é possivel, mais sensiveis ao amarello, ao verde e ao vermelho que ao azul, mas até hoje o problema ainda não se resolveu, mesmo as modernas placas de Vogel Tailfer e Obernetter, sendo mais sensiveis ao verde e ao vermelho que as antigas, estão longe ainda de chegarem a um resultado satisfatorio.

Língua Telegraphica Universal. — Trata-se de estabelecer uma linguagem telegraphica postal, isto é, não fallada mas escripta. O inventor é o antigo deputado Lévre Roquet, collaborador do *Journal des Economistes* e que a este respeito acaba de dirigir uma carta a M. Tirarde minsitro do Commercio, correios e telegraphos da França.

O processo é muito simples e consiste em substituir muitas d'essas phrases que se empregam habitualmente, por combinações convencionaes de algarismos ou de letras que se poderão consultar n'um vasto reportorio.

Sahirão os despachos immensamente baratos por esta forma engenhosa e poderão assim as differentes nações estabelecer um typo uniforme de volumes de correspondencias.

As tarifas dispendiosas, só proprias para os millionarios, tendem a desapparecer pelas leis do progresso.

Telephone — Paris vae ser ligada a Londres por um fio telephonico. A lembrança partiu do director geral dos correios, M. Coulon. O engenheiro encarregado dos estudos e experiencias é M. Amiot.

Muitas outras tentativas de telephonia sobmarina teem já tido logar na America e na Inglaterra, mas nenhuma d'ellas tem vingado, sendo promptamente abandonadas pelas enormes difficuldades que os engenheiros encontraram.

Já concorreram as experiencias do fio telephonico de Douvres a Calais (40 kilometros), se produzirem bom resultado serão reservadas essas experiencias de Dieppe a Beachy-Head (62 milhas maritimas) e as do Havre a Beachy-Head (69, 5 milhas de extensão); só depois de realisadas essas experiencias é que M. Amiot pensara em *telephonar* de Paris a Calais (296 kilometros dos quaes 292 em via aerea e 4 em via subterronea) e de Douvres a Londres 120 a 130 kilometros em vias aereas e subterraneas.

REVISTA POLITICA

Estamos no periodo da actividade parlamentar; tardou mas arrecadou.

Depois de bons tres mezes de discursos, de interpelações e de moções, chegou a ultima hora e com ella as avalanches de projectos de lei que tinham estado muito bem socegados nas pastas das respectivas commissões, á espera que os representantes da nação acabassem de fallar para então darem entrada na sala do parlamento.

Isto significa apenas que os projectos de lei é a unica cousa que não vale a pena discutir no parlamento, basta simplesmente que este os approve e nada mais; e para que não haja duvida de que assim é, o governo apresentando esses projectos declara logo que se a camara pertende levantar questão sobre elles, o governo retira-os e só apresenta aquelles que a camara não discutir.

Ora este modo de legislar é mais uma enchadada dada no parlamentarismo da carta e faz-nos accudir aos labios esta pergunta:

— Para que servem as camaras?

Mas deixemos aos politicos a solução d'este problema que elles se vão encarregando de resolver praticamente á vista da nação, e continuemos na nossa tarefa de simples chronista do que se vae passando na politica, voltando aos projectos mais importantes que tem feito a sua passagem pelas camaras n'estes ultimos dias e n'estas ultimas noites, por entre as espiraes de fumo dos bellos *havanos* e á luz tardia do gaz da Boa Vista que ainda lá pela camara bruxeleia por entre os esclarecidos espiritos dos representantes da nação.

Entre esses projectos figura o de um emprestimo de 2:700 contos para a construcção de quarteis e hospitaes militares, quarteis que devem aquartelar e hospitaes que devem tratar um exercito problematico, que figura muito mais nos orçamentos do Estado que nas fileiras regimentaes. Este projecto que teve ainda os ultimos arrancos da discussão parlamentar, foi por fim approvado.

Egual sorte teve o orçamento rectificado que se discutiu de envolta com o projecto antecedente.

O dos hospitaes para alienados tambem passou, assim como o da compra do Palacio da Pena para usofructo da Corôa; projecto que não teve opposição, apesar de antes de ser apresentado ao parlamento, ter feito soltar algumas notas discordantes na imprensa politica.

Foi tambem unanimemente approvado o projecto de uma pensão vitalicia de 1:000$000 concedida a Camillo Castello Branco na pessoa de seu filho.

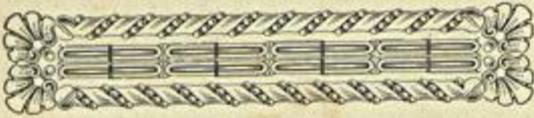
Este projecto a favor do glorioso cultor da litteratura portugueza, fez com que se ouvisse no parlamento a voz de Guerra Junqueiro, em um discurso que o philosophico poeta pronunciou, tão philosophico que não sabemos se os seus collegas da camara teriam, por mais de uma vez, vontade de lhe dizerem o mesmo que o rei Bobeche dizia no Barba Azul—*mas nunca se disse isso cá.*

Mas emfim é bem que se saiba que nem todos os poetas podem deixar em casa a sua poesia fechada á chave, e levar para o parlamento apenas o prosaismo das convenções politicas.

E pensando nós que esta revista seria a ultima em que teriamos de dar conta dos trabalhos parlamentares, por ter terminado o periodo legislativo, começa agora o periodo das prorogações por pequenas dozes, que se irão succedendo, sendo de esperar que as côrtes só se fecharão quando as alcachofras desabrocharem em grellos de bom agouro d'entre as cinzas das fogueiras festivas.

Apesar, porém, d'estas successivas prorogações, parece que ellas não darão tempo para apresentação de todos os projectos accumulados e da ultima hora, e já se diz que as medidas que se esperavam sobre a agricultura, só apparecerão se houver tempo para tratar esse assumpto, o qual cada vez se complica mais, pelo desencontro de opiniões sobre o modo de remediar a crise agricola.

E até ao momento em que encerramos esta revista, nada mais de importante tem occorrido na politica.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Casamento de Principes. — Está contractado o casamento de Sua Alteza o principe herdeiro de Hohenzollern Guilherme Augusto José Fernando Pedro Bento, filho de Sua Alteza o principe Leopoldo de Hohenzollern, e de sua alteza a princeza D. Antonia Maria Fernanda de Bragança Bourbon Saxe-Coburgo-Gota, infanta de Portugal, com sua alteza a princeza Maria Thereza de Bourbon, filha do principe Luiz de Bourbon, já fallecido, e da princeza Mathilde Loduvina, duqueza de Baviera.

O principe Guilherme nasceu no Castello de Beuruth a 7 de março de 1864. É tenente da guarda prussiana. A princeza Maria Thereza, nasceu em Zurich a 15 de janeiro de 1867. O casamento deve realisar-se no dia 26 do corrente, no castello de Sigmarigen e assistirão á ceremonia o imperador Guilherme II, o rei de Saxe, e outros principes da Allemanha.

Sua Magestade El-Rei D. Luiz agraciou a princeza Maria Thereza com a banda da ordem de Santa Isabel, e o principe Guilherme, seu sobrinho com as bandas das ordens militares de Christo e de Aviz.

Exposição de Paris — Abriu no dia 2 do corrente a Secção Portugueza da Exposição de Paris. Vêem-se ali a maior parte dos productos que estiveram da Exposição que o anno passado se realisou em Lisboa.

Brevemente o nosso periodico se occupará d'esta exposição.

Camillo Castello Branco. — Foi votado pelo parlamento uma pensão vitalicia de 1:000$000 reis ao illustre romancista portuguez gloria das letras patrias

Soares dos Reis — *O Centro Artistico* do Porto vae publicar, em honra de Soares dos Reis um album com phototypias das principaes obras do insigne esculptor, e com um prefil litterario do grande artista escripto por Alves Mendes.

É uma publicação luxuosa cujo texto será impresso pelo sr. Costa Carregal, proprietario da Typographia Occidental e artista bem conhecido pelos seus primorosos trabalhos typographicos.

O custo d'este album é de 4$500, reis e o producto da venda destinado a um monumento a Soares dos Reis. Todos os assignantes d'este album são considerados subscriptores do monumento e os seus nomes inscriptos n'um quadro na Academia de Bellas Artes.

Retratos Greco-Romanos — O sr. Graft egyptologo muito distincto descobriu na sua ultima viagem ao Egypto uma valiosa collecção de retratos da época Greco-Romana antes de Christo.

Estes retratos foram encontrados em sepulturas, pois era uso sepultarem as pessoas de gerarchia com os seus retratos. São magnificos exemplares da pintura n'aquella época e mostram a perfeição a que a arte chegou n'aquelles tempos, segundo refere um jornal inglez em que encontramos esta noticia.

Regina Paccini — Esta cantora e nossa compatriota acaba de se estreiar no theatro *Magesty's* de Londres na opera a *Somnambula*, com extraordinarios applausos, cantando em uma semana tres vezes a mesma opera. Vae cantar tambem *Os Puritanos*. Foi escripturada para a futura época n'este theatro.

Artistas Portuguezes no «Salon» — O sr. Antonio Teixeira Lopes estudante de esculptura em Paris, foi premiado na exposição do *Salon* com uma 1.ª menção, pelos trabalhos que apresentou. Felicitamos o distincto estudante.

Um incendio no palacio imperial de Pekin — Houve incendio no palacio imperial de Pekin que destruio parte d'este edificio.

O mais curioso, porém do caso, é o que se pensou na China a este respeito. Os sabios da corte declararam que o incidente se dera em consequencia de uma das cinco patas do *Dragão de Fogo*, que symbolisa o imperio, ter sido esmagada por algum dos Caminhos de ferro, que se tem construido na China, e que isto fez com que o *Dragão* vomitasse o seu fogo sobre o palacio imperial. !

Só assim se poderia ter dado aquella catastrophe !

Em vista d'esta declaração dos sabios ficou resolvido terminantemente não premettir novas linhas ferreas no imperio, deixando todavia as que já estão assentes, se o Dragão não tornar a vomitar mais fogo.

É muito Chinez e muito curioso este parecer dos sabios !

Medalha de Honra do «Salon» — Foi o pintor Dagnan-Bouveret quem alcançou a medalha d'honra do *Salon* por 217 votos contra 115 que teve Benjamin Constant o mais votado depois de Dagnant-Bouveret.

O quadro premiado, *Bretonnes au Pardou*, foi vendido por 30:000 francos ou 5:400$000 reis da nossa moeda.

OBRAS DO PORTO DE LISBOA — Draga «Aurore»

PUBLICAÇÕES

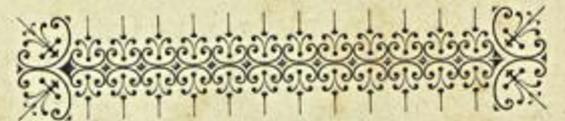
Recebemos e agradecemos:

Istoria da Luzitania e da Iberia. — Recebemos o fasciculo 13.º de esta notabilissima obra nacional.

Este monumental livro váe já em 416 paginas publicadas e o recente fasciculo no seu capitulo x trata da *Era angiospermaria* e termina demonstrando que n'esta era já havia disposições accommadas, no mundo animado, para a apparição do homem.

Assigna-se no escriptorio da Empreza Rua Ivens n.º 41 : — por fasciculos de 32 paginas, pagos no acto da entrega, em Lisboa e nas terras em que houver estações postaes 400 reis cada fasciculo ; — por volumes, paga adiantada 6$000 reis cada um ; — pela obra completa 17$000 reis. Depois de publicada a obra (3 volumes) custará 27$000 reis.

Estabelecimento Hydrologico de Pedras Salgadas, *indicações especiaes sobre as suas aguas, clima, aerotherapia e hygiene therapeutica* pelo medico Augusto A. dos Santos Junior, Porto 1889. Um volume de 182 pag. in-8.º em que o auctor faz um estudo consciencioso das virtudes e applicação d'estas aguas, já tão vantajosamente conhecidas no paiz e fóra d'elle.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 7.ª serie n.os 11 e 12 com os seguintes artigos: Contributions á la flore eryptogramique du nord du Portugal ; Campanhas da Zambezia, communicação, feita em sessão da Sociedade de Geographia, de 10 de novembro de 1887, pelo major J. C. Paiva de Andrade ; actas das sessões de 9 e 16 de maio, 6, 18, 23 e 30 de junho, 7, 14 de novembro e 10 de dezembro de 1887 ; Historia de Minas (Además Sagad), rei de Ethiopia.

Adolpho, Modesto & C.ª — impressores
23 a 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 23 a 43